

Programa 2.3

Alfabetização e vida

Renato Hilário dos Reis¹

Alfabetização como produção da vida

Cabeça baixa. Vergonha. Medo. Eu nada sou. Eu nada sei. Eu nada posso. Eu nunca vou aprender. Analfabeto nada é. Postura corporal de encolhimento. Sensação de rejeição. Frases curtas e lacônicas. Essas são algumas das características possíveis de um possível ser humano, denominado alfabetizando-excluído, quando chega a uma das experiências de iniciativa do poder político ou da sociedade civil, em nível de educação de jovens e adultos.

Qual a natureza dessa exclusão?

Econômica? Com a exclusão sendo uma decorrência de sua não participação na distribuição da riqueza que produz em nível mundial e planetário, nacional? Com a não participação do não alfabetizado nos mecanismos decisórios, em escala local, regional, nacional e mundial. Ou seja, alguém sempre decide por ele e contra ele?

Educacional? Currículos, cursos, disciplinas, aulas, decididos quanto a seu conteúdo e procedimento didático, sem que o não alfabetizado seja escutado, levado em conta e que decida junto, exercendo a característica de sujeito e não mero objeto no processo?

Epistemológica? O conhecimento produzido em uma determinada sociedade é realizado pelos alfabetizandos. Este não é reconhecido como produtor de conhecimentos, mas mero consumidor destes. Não é considerado um sujeito que pensa, elabora a vida?

Afetiva? Sentimentos, desejos e história de vida do alfabetizando estão presentes no encaminhamento de sua vida cotidiana, na família, na escola, no emprego? Ou o não alfabetizado não é acolhido, reconhecido como o que é, em sua natureza interna como ser humano?

Creemos que se consideramos um ser humano em sua totalidade, todos esses aspectos constituem a natureza da exclusão e dentro dela a não alfabetização, como parte desse processo de exclusão.

Por isso mesmo, a exclusão não tem uma natureza exclusivamente econômica, como se poderia supor em uma primeira impressão. Conjugam-se inerentemente a afetiva, a educacional, a epistemológica, a política e a econômica.

Estudo-Pesquisa de doutorado de Reis (2000), tendo como base o "Projeto Paranoá de Alfabetização e Formação de Alfabetizadores de Jovens e Adultos de Camadas Populares (Projeto Paranoá)", mostra que há uma inter-relação entre esses vários aspectos, havendo, na produção do próprio sentimento de exclusão, uma certa predominância do aspecto do afeto/sentimento em relação à vida. Ou seja, a maneira como o alfabetizando significa ou passou a

significar a vida, entendida como movimento contínuo de constituição da espécie humana, é variável determinante de seu sentir excluído.

Por isso mesmo, o Projeto Paranoá, em sua concepção/operacionalização acumulada ao longo de quase 20 anos, trabalha simultaneamente os vários aspectos, mas com destaque inicial à constituição de um sujeito amoroso.

Entende que na descoberta de cada ser humano, que é igual a todo ser vivo, está a base da manutenção, preservação e avanço da espécie humana. Compreende, ainda, que a descoberta e a exercitação desta descoberta podem fazer a diferença no processo de superação das várias fases de exclusão que transitam na vida da humanidade hoje.

E isso de tal maneira que um não alfabetizando, ao se acolher e ser acolhido (constituição de sujeito amoroso), rompe internamente com sua alienação da vida e entra no circuito planetário da revolucionária produção social da vida, que é o modo como Marx e Engels compreendem o fator trabalho, não concebido reducionistaamente como emprego.

Daí, não se poder entender a alfabetização como apropriação da leitura, escrita e cálculo. Pois seria entendê-la como inclusão do alfabetizando na ordem econômica social internacional e nacional vigente, que pela sua lógica faz dele um excluído e que tende a mantê-lo excluído.

A apropriação da leitura, escrita e cálculo é importante, mas insuficiente, mesmo sendo o que predomina na maioria das políticas públicas de educação de jovens e adultos.

Mais do que apropriar a vida vivida por outros, é fundamental que o alfabetizando esteja produzindo a sua vida, que se inicia no âmbito da reversão do seu sentimento de que nada é, sabe e pode.

A possibilidade de falar e ser escutado em seu sentir dor ou alegria, que vive em seu cotidiano da família, emprego, casa e rua, permite a constituição de sua amorosidade e a de outros alfabetizados, como seres solidários e cooperativos, que tocam o corpo e a mente um do outro sem medo, com ternura, em uma aprendizagem recíproca e mutuamente transformadora, como transformadora é do conjunto das relações sociais do universo. Afinal, como diz Morin (1990), cada ponto do universo que se transforma, transforma o conjunto do universo.

Nessa linha de raciocínio e parafraseando Paulo Freire de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, poderíamos dizer que a leitura da vida precede a leitura da palavra.

Ou seja, alfabetizar é contribuir à superação da lógica da exclusão econômica, política, epistemológica, educacional e afetiva, mas tendo por base o afeto, o sentimento.

Ao se descobrir como sujeito amoroso, que acolhe e é acolhido, ele se descobre sujeito que sabe e pode transformar a si mesmo e simultaneamente aos outros e ao conjunto das relações sociais do universo, que constituem esse fenômeno fantástico chamado Vida.

Nessa direção, entendemos que a educação de jovens e adultos não é um problema de aprendizado de Português e Matemática, mas das múltiplas linguagens. Mas não como consumo, e sim como sujeito produtor de linguagens, no contexto da produção social da vida e do desenvolvimento humano.

Bibliografia

ENGELS, F. *O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*. In: Marx, K. & ENGELS, F. *Obras Escolhidas*. São Paulo, Alfa-Omega, s/d.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2001.

MORIN, Edgar. *Ciência como Consciência*. Lisboa: Publicações Brasil América, 1990.

REIS, Renato Hilário dos. *A Constituição do Sujeito Político, Epistemológico e Amoroso na Alfabetização de Jovens e Adultos*. Campinas: Universidade de Campinas/ Faculdade de Educação. Tese de Doutorado, 2000.

NOTAS:

1 Professor da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

SALTO PARA O FUTURO / TV ESCOLA

WWW.TVEBRASIL.COM.BR/SALTO